

## NOITE, SOLIDÃO E MORTE EM DOIS INÉDITOS DE CASSIANO NUNES

Maria de Jesus Evangelista  
UnB

*“Procura ser exato  
ao definir as coisas.”*  
Cassiano Nunes

Pretende-se comparar “Pajuçara” e “Deparando com um antigo número de telefone” com outros poemas de Cassiano Nunes no que concerne ao tema da morte, e aos subtemas noite e solidão, recorrentes em sua obra.

Pareceu-me de acentuado estranhamento a formalização do tema da morte no poema “Pajuçara”, inédito de Cassiano Nunes, escrito em Maceió, Alagoas, em 1997. A força expressiva do tema encontra-se sobretudo no esquema de oposição entre Vida, esta enquadrada na beleza da paisagem marinha - “festival / de cores e espumas” - e Morte, analiticamente estruturada em versos curtos – “quando eu tiver ido” (...) “Quando eu me for” /de maneira total, / absoluta”, metáforas de extrema simplicidade. Isto nos permite observar que não existe, ao longo do poema, explícitos vocábulos de significação do sombrio, do noturno ou de fechamento. Apesar de uma discreta tonalidade melancólica, tudo no poema é muito claro à contemplação do sujeito lírico, fascinado pelas “ondas sussurrantes” na “sua dança / imortal”. Movimentos e sons eternizam inominado canto à vida do homem sobre a terra. Tudo isso lhe pertence / pertenceu, legado do poeta identificado-se com os outros na sua humanidade.

Partindo desses aspectos estético-literários, tornou-se necessária a leitura de outros textos líricos do poeta. Neles se pode observar que o tema do soturno é mais constante do que se possa esperar de suas poesias, em que a alegria, riso e humor se anunciam em espaços de luz e cor, com elevada espiritualidade, transformando-se numa forte característica poética. Observa-se, assim, que o tema desses dois poemas inéditos é recorrente em toda a obra lírica de Cassiano Nunes. E

que, embora se distanciando dos estados um tanto mórbidos de muitos poetas do Romantismo do século XIX, a poesia de temática da morte de Cassiano Nunes se filia à tradição do lirismo romântico. Decorre da consciência do efêmero, eivado de melancolia, quase sempre acompanhado de forte sentido da solidão.

Para melhor compreensão dessas características temáticas, destacamos, de seus dois últimos livros publicados, *Poesia – I* (1997) e *Poesia - II* (1998) a estreita relação existente entre noite e solidão, propícia ao sensualismo, volúpia e erotismo, conotando, por vezes, estados melancólicos.

No lirismo tradicional, a noite, com seus mistérios, participa na formalização do tema da morte. Não é diferente na criação poética de Cassiano, quando, à maneira de Manuel Bandeira, chama de “Dama Pálida”, aquela que tudo iguala, superpondo noite e morte no mesmo significante. Na maioria dos poemas, no entanto, a noite aparece em grande riqueza metafórica, freqüentemente como tempo propício ao encontro dos amantes. É tempo para revelação de muitos mistérios, hora-espaco para as exigências da libido, como podemos perceber no significativo poema “Mistérios da noite”: “A noite é inteiramente semafórica!”.

Parece-me que toda a poesia do sensual, da volúpia e do erótico, exemplar na poética de Cassiano Nunes, decorre dessa cifrada mensagem da noite, companheira e cúmplice do eu lírico em mais de 50% das suas poesias; belas imagens, com versos de forte força expressiva, entre os quais destacamos: “...mergulho / na represa da noite” (...) “até que / fisgo um peixe de prata / e ascendo às estrelas!”

Os exemplos são muitos e, como pesquisa, apresentamos alguns que parecem bastante significativos ao tema da noite, solidão e morte.

“Para que o homem se sobreleve, / é preciso matar o menino” (Assassinato do menino, 1997:13); “Oh! Noites de Harlem, (...) que procuro em ti?” (Harlem Blue, 1997: 21; “E vagueio

na noite / procurando, insone,/ a paixão sem rosto,/ o amor sem nome...”; “Que quero? Que espero?/ É capricho? Vício?/ Não./ É a solidão / e o seu exercício” (Blue nº 2,1997: 22).“Os mortos insistem / no diálogo. (...) como se a vida que levamos, / só fosse vida sem a morte.” (A Robert Lowell, 1997:26)

Em “Episódio”(1997:27), o poeta constata: “Fácil,/ o Amor me ofereceu / a sua corola rubra, / mercenária”; mas revela mais adiante, em sua “Busca” (1997: 28) por “Essas noites de pântano”, a justificação: “A procura demente, / em cada esquina, / visava o diamante; uma palavra humana.” Todavia, em “O Retardatário” (1997:29), - “E a alvorada / acabava há pouco de apagar / com a esponja da luz / os sortilégios da noite.”

Tudo isso é muito pouco para se dizer da extraordinária poesia desses versos cassianos. *Poesia – I* é um livro para ser lido sempre. Ele oferece beleza e verdades para muitas reflexões sobre a vida e a morte, reflexões que, certamente, possibilitarão ao homem perceber-se melhor e, conseqüentemente, melhor percepção dos insondáveis mistérios do Amor e do Sexo.

Esses temas, por certo com maior amadurecido no aspecto estilístico, apresentam-se com percentual significativo no livro seguinte, *Poesia – II* (1998). Ainda com este sentido de pesquisa, registramos alguns expressivos exemplos recorrentes e relacionados à melancolia como traço da psicologia de temperamentos solitários. Isso não quer dizer que Cassiano seja introvertido ou fechado em si mesmo. Penso no modo de ser da criatura poética, lírica, portanto, que vaga, às vezes, com o olhar, daí a presença do voyeurismo como traço estilístico, em busca do outro ou das coisas para a sua completude.

São exemplos dessa recorrência temática, colhidos em *Poesia – II*, os seguintes versos: “Espero que me contem /de sua solidão ácida” (No quarto de Fernando Pessoa,1998:12); “Volto melancólico / para onde o Brasil / não é mais Brasil.” (No jardim da casa de Guimarães Rosa, em Cordisburgo,1998:14). Nem sempre, porém, o tema se expressa claramente. Observamos na

estrofe final do poema “Casa das Palmeiras”, a extrema solidão do ser, em que se unem melancolia e morte: “Que eu fique com eles / em convívio amoroso, / até que chegue o sono / em que a poesia acaba.”

O eu lírico lança “Perguntas” (1998:34-5): “Por que não seguimos o roteiro/ até o fim, às fezes, ao fundo, / e lá chegamos, ao preço da vida, / plenos, triunfais defuntos?”. E ensaia respostas de igual força expressiva “Até que um dia / os meus olhos se fechem, / depois de oscilarem / entre a morte e o sonho.” (Este Velho Cão,1998:38/39)

Comparando esses exemplos, da solidão, da melancolia ou da noite e da morte, com os mesmos temas no poema “Pajuçara”, verificamos a aproximação que não se faz em nível do vocabulário, mas sim quanto à tonalidade da voz de um sujeito lírico na contemplação do objeto.

## PAJUÇARA

*Esta antiquada máquina  
do corpo,  
em que se gravaram  
manchas escuras.  
Ela olha o mar pluriverde  
de Pajuçara,  
este festival  
de cores e espumas.  
Ele continuará  
quando eu tiver ido  
e não guardará  
lembrança  
do nosso belo convívio  
(Eu também esqueci  
tanto e tantos  
- até amores,  
deliciosos e momentâneos!)*

*Quando eu me for*

*de maneira total,  
absoluta,  
as ondas sussurrantes  
continuarão a sua dança  
imortal.  
Outros homens  
estarão no meu lugar,  
sentados no mesmo banco;  
nem saberão,  
mas estarão usufruindo  
algo,  
que embora longinquamente  
é também meu:  
  
o legado humano.*

O autógrafo de “Pajuçara” pertence à Biblioteca da Fundação Casa do Penedo, Instituição de Cultura da cidade de Penedo, em Alagoas. Sem pretender fazer uma análise do poema numa relação da arte com a psicologia, no entanto, por causa do seu tema e da acentuada melancolia com que se expressa o sujeito lírico, gostaria de referir-me a uma frase de Jung, quando da conferência sobre a relação da psicologia analítica com a obra de arte poética: *“Apenas aquele aspecto da arte que existe no processo da criação artística pode ser objeto da psicologia, não aquele que constitui o próprio ser da arte.”*

Como processo de criação estilístico e literário, o tema da morte, graças à personalidade artística do escritor, não nos parece muito comum na poesia de Cassiano Nunes, particularmente na maneira quase realista como se apresenta neste poema de versos tão fortemente tensos. Isto, me parece, é o aspecto da criação na sua estreita relação com a psicologia analítica observado por Jung. Existem momentos na recriação das emoções em que o poeta é traído pelas circunstâncias e espaços que o cercam. Quanto ao aspecto que constitui a própria arte, isto é, quanto à expressão formal, o poema é bem característico da poesia cassiana, com esquema de duas longas estrofes (1-17 // 18 – 31, fechando-se a estrutura poemática, marcadamente contida e de acentuada singeleza vocabular, com um verso solto. O vocabulário é intencionalmente simples, numa distribuição rigorosamente artesanal, permitindo criar-se uma linguagem de alto nível artístico, elevando-se, conseqüentemente, o nível estilístico. Isso, parece-me, faz com que o poema seja essencialmente intelectual, no sentido de que é muito mais a sensibilidade inteligente que o constrói do que a emoção *in natura*. Assim, o sujeito lírico sente cada vocábulo, verificando todo o seu peso psicológico, ou até filosófico, na consciência e na reflexão.

O tema é a morte, sem no entanto ser referida, ou lamentada, em qualquer momento do poema. Poderíamos falar de um certo estoicismo, já apontado pela crítica nas composições

poéticas do Cassiano. Falar não somente de pudor em face desses temas, mas também de algo mais profundo da psicologia humana. Eu diria austeridade da vida moral, distanciando-se, cada vez mais, de exposição de suas dores íntimas. Uma certa severidade filosófica, que só em momentos raros, e numa extrema necessidade, poderia torna-se confissão. Razão para que se fale com cautela da simplicidade de sua estruturação temática: “Quando eu me for / de maneira total, / absoluta”. Consciente da brevidade da vida, da perecível matéria, o poeta sabe, no entanto, que todo aquele que crê, é partícipe de algo imortal, que é a nossa humanidade, o ser humano que vai sendo completado *ad eternum* na sua trajetória sobre a terra.

Quanto à estruturação formal, não se pode falar num sistema métrico especial de sílabas, rimas ou outros esquemas próprios da arte poética, e importantes na expressão do tema. Seu ritmo se faz naturalmente com a escolha vocabular e na localização da palavra dentro do sistema fraseológico, no qual o verso emerge até em um único vocábulo. E as interrogações do leitor se fazem desde o primeiro verso quando o eu lírico aproxima de si o possível objeto de sua contemplação, ou melhor, de sua reflexão: “Esta antiquada máquina / do corpo/ em que se gravaram/ manchas escuras”.

A “máquina” é o próprio “corpo”. No entanto, ele pode ser considerado na sua tríplice dimensão de ser sensível, de coração que sofre e se emociona em face da eternidade e grandeza do mar e, finalmente, de alma imortal do ser finito consciente de sua finitude: “Ele continuará / quando eu tiver ido /... as ondas sussurrantes / continuarão a sua dança / imortal”.

O vocábulo “Antiquado” também nos propõe uma reflexão sobre a sua significação no poema. Pode ser compreendido numa dupla dimensão: referencial de idade, portanto, completado está o ciclo de vida; ou sujeito ultrapassado, deslocado no tempo da globalização com sua rapidez de comunicação; ou mesmo “um estranho no ninho” das tecnologias modernas.

Optamos por estes dois inéditos de Cassiano Nunes, e reconhecendo as características que individualizam cada um deles, distinguimos aquilo que os aproxima: a nostalgia, emoção que se fizera passado, irremediável nunca mais.

### **DEPARANDO COM UM ANTIGO NUMERO DE TELEFONE**

*Cifras da nostalgia.  
Constelação do desapontamento.  
Pouso de borboleta lasciva  
que não existe mais.  
(E acaso existiu?)  
Talvez apenas sonhada.*

Esse inédito de Cassiano Nunes foi-me enviado como mensagem natalina de 1979. Cassiano tem o belo gesto de cumprimentar os seus amigos pelo Natal com poesias de significativa afetividade. Conto com esses mimos desde longos anos.

Se o título nos parece prosaico, a metaforização das emoções eleva toda a composição ao seu alto nível artístico. Objeto de comunicação dos mais comuns, o telefone se torna objeto/fetice e expressão de uma história de encontro/desencontro em que o amor, ou anseio de relação amorosa, transforma-se em desapontamento e frustração, ou seja, somente uma reflexão sobre esse tema tão constante na poesia.

O título é longo e sugestivamente nos introduz numa história. Essa história, porém, é posta em questão pelo sujeito lírico. Bem no seu íntimo, expressiva frase entre parêntesis, se instalou a dúvida, (“E acaso existiu?”). Aliás, o característico verso solto acentua esse algo a mais nesse motivo temático. Quantas vezes ficamos imobilizados, como anestesiados, ao depararmos com objetos talismãs, como esse telefone que materializa, com seu número mágico, e talvez num papel amarelecido pelo tempo, (“um antigo número de telefone”) a comunicação entre os dois amantes, trazida aos sentidos com a força das emoções, especialmente uma certa nostalgia. Importante observar a função do olhar “caindo” sobre números até então esquecidos.

Assim estruturado, o poema põe em questão a própria conceituação do texto poético no que concerne à fundamental distinção entre verso e prosa, ambos identificados, contudo, como texto poético. Pela metaforização, isto é, pela linguagem poética, o tema se desdobra em poesia intimista e, portanto, lírica. Com o verso primeiro - “Cifras da nostalgia” – se instala uma atmosfera de saudosismo particular à poesia romântica, e muda a possível condição de poema hermético.

O prosaico número de telefone já não é mais “cifras”, mas sim magia que transporta, pelo apelo visual, a memória a reconstruir os “estragos” de “lasciva borboleta” (amante inconstante e infiel, por isso mesmo mais amado, e jamais esquecido). Lembranças como essas me parecem fortemente masoquistas. O “desapontamento” não arrefece o calor das recordações subjacentes no verso tão sentido e belamente erótico na visual imagem da borboleta, metáfora do amante. E o verso final, solto e distanciado como significação, “Talvez apenas sonhada”, motiva pelo menos duas observações. “Sonhada” pode referir-se tanto à “borboleta” enquanto objeto da “relação” quanto a própria relação entre os amantes, o que o sujeito lírico ciosamente deixa em virtualidade.

O mesmo pudor que se observa no poema “Pajuçara”, quanto ao tratamento do tema da morte, poderá ser encontrado neste poema sobre um número de telefone, fortemente expressivo no verso “escondido” entre parêntesis “ (E acaso existiu?)”. Muito mais haveria a dizer sobre os contidos versos desta poesia, não somente quanto ao seu tema da paixão amorosa, mas também quanto à sua formalização verbal. Com a única estrofe de cinco versos irregulares e o verso final distanciado desta estrofe muitas são as qualidades a serem observadas na arte poética de Cassiano Nunes.

Para concluir, gostaria de citar Vladimir Jankélévitch, filósofo e professor “à la Faculté des Lettres de Paris, no seu livro *L’Austérité et la Vie Morale*, Paris, Flammarion, 1956: “C’est



l'amour qui importe, non l'austérité - / "Seul l'amour peut avoir le dernier mot dans le débat infini de l'ego voluptueux et de la privation". E conclui: "l'homme sera en agonie, c'est-à-dire sera en lutte, jusqu'à la fin des temps. Gardez donc vos lampes allumées, car l'damour ne vient pas à ceux qui dorment", que me permito traduzir assim: É o amor que importa; não a austeridade. Somente o amor pode dizer a última palavra no debate infinito entre o ego voluptuoso e a sua privação. E conclui: "o homem estará sempre agonizado, isto é, estará sempre em luta até o fim dos tempos. Conservai, então, vossas luzes acesas, porque o amor não vem para aqueles que dormem".

## **Bibliografia**

ANJOS, Cyro dos. A criação literária. Rio de Janeiro, Edições de Ouro Culturais, 1967.

CROCE, Benedetto. Breviário de estética. Buenos Ayres, Espasa Calpe S.A., 1956.

JANKELEVITCH, Vladimir. L'austérité et la vie morale. Paris, Flammarion, 1956

JUNG, C.G. O espírito na arte na ciência, Petrópolis, Editora Vozes, 1985.

NUNES, Cassiano. Poesia – I, Rio de Janeiro, Edição Galo Branco, 1997

----- . Poesia \_ II, Rio de Janeiro, Edição Galo Branco, 1998

\_\_\_\_\_ Vinte vezes Cassiano, Brasília, Fundação Casa do Penedo / Thesaurus, 1997.

TADIÉ, Jean-Yves, Lê récit poétique, Paris, PUF/Écriture, 1978.